

RIO PARNAÍBA... SUA FIGURAÇÃO HUMANA E POÉTICA

Gercinair Silvério Gandara*

Resumo: Na poesia, no romance e na literatura expressou-se a realidade do rio Parnaíba. Em sua composição poética é sonho, devaneio, um símbolo representado no seu fluir aplainado e imponente. Nessa vastidão de águas, os poetas vão e vem, bolinando em todos os sentidos, e pondo no verde da terra ou no azul do mar a doçura do seu deslizar silencioso e a graça de sua silhueta. Rio Parnaíba... Grande Rio... Rio Caminho... Rio Lendário... Rio Abençoado... Rio das Barbas Brancas... Corpo D'Água... Medula Espinhal do Sentimento... Portentoso Personagem Histórico...

Palavras-chave: Rio Parnaíba, Espaço, Tempo, Imagem, Poesia, Paisagem

Abstract: *In poetry, no romance in literature and put it the reality of the river. In its poetic dream is, devaneio, a symbol represented in the flow aplainado and impressive. In this vastness of water, and the poets will come, bolinando in all directions, and putting green in the earth or the blue of the sea the sweetness of their slide and quiet grace of his silhouette. River Parnaíba... Great River... River Path... River Road... River Legendary River Blessed... Barbas of the White River... D'Water Corps... Feeling the Spinal Cord... Portentous Character History*

Key words: *Parnaíba River, Space, Time, Picture, Poetry, Scenery*

Os rios brasileiros são de personalidade vincada, de raiz profunda, dá nome a terra antes de ser a terra a emprestar-lhes nome. Já nos advertiu Coelho “atente-se para o fato de que diversas parcelas de nosso território receberam o nome de rios...”. (COELHO, 2002, p.16), O rio Parnaíba é um desses grandes personagens da História do Brasil. Ler um espaço assim é como diz Frémont, o despertar para uma arte do espaço “que só é concebível na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores ou cineastas, que têm evocado, melhor do que as nossas descrições, a região dos homens”. (FRÉMONT, 1980, p. 261).

Sabe-se que a categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas. Especificamente, constatei que o vale do rio Parnaíba serve de baliza ou marco quase míticos para estratégias sócio-culturais. Carrega em seu fluxo um ressoar de histórias investidas de surpreendentes



significações. Carrega simbolicamente a existência humana daquelas plagas e toda a sua imensidão de desejos, sentimentos, intenções e ações. Seu percurso pode desenhar uma cartografia como invenção de memórias. É também povoado por belas histórias e lendas que refletem o rico patrimônio sociocultural da gente beiradeira. Algumas chegadas até nós pelos cronistas. “...e todos sabem que os mitos, para tomar corpo, não precisam ser uma emanção das realidades”. (FEBVRE, 2000, p.203). Dessa forma, o rio se apresenta como um sistema de idéias e imagens de representação que legitima e recupera posturas, portanto é um espaço social. Porquanto esse artigo irá considerar além dos contornos geográficos os contornos simbólicos do rio Parnaíba. Penso, portanto, que o melhor documento sobre a história desse rio é ele próprio, tal como cada um o pode ver.

Vale dizer que utilizarei como imagem visual e gráfica, fotografias e mapas, que permitirão uma visualização completa do curso do rio Parnaíba, além de propiciar distintas interpretações. Entendo as fotos e os mapas como fonte documental, dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador. Elas são feitas para comunicar, são mensagens. Assim sendo as imagens fotográficas e/ou cartográficas funcionarão como documento, testemunho histórico que conforme Peter Burke (2004) “... constitui-se numa forma importante de evidencia histórica”. (BURKE, 2004, p.17). Ressalta-se, ainda, que as imagens fotográficas que aqui serão utilizadas não foram criadas para leitura histórica, seus criadores tinham suas próprias preocupações, suas próprias mensagens. Sou consciente de suas fragilidades e quanto aos perigos deste procedimento, conforme nos alertou Peter Burke (2004).

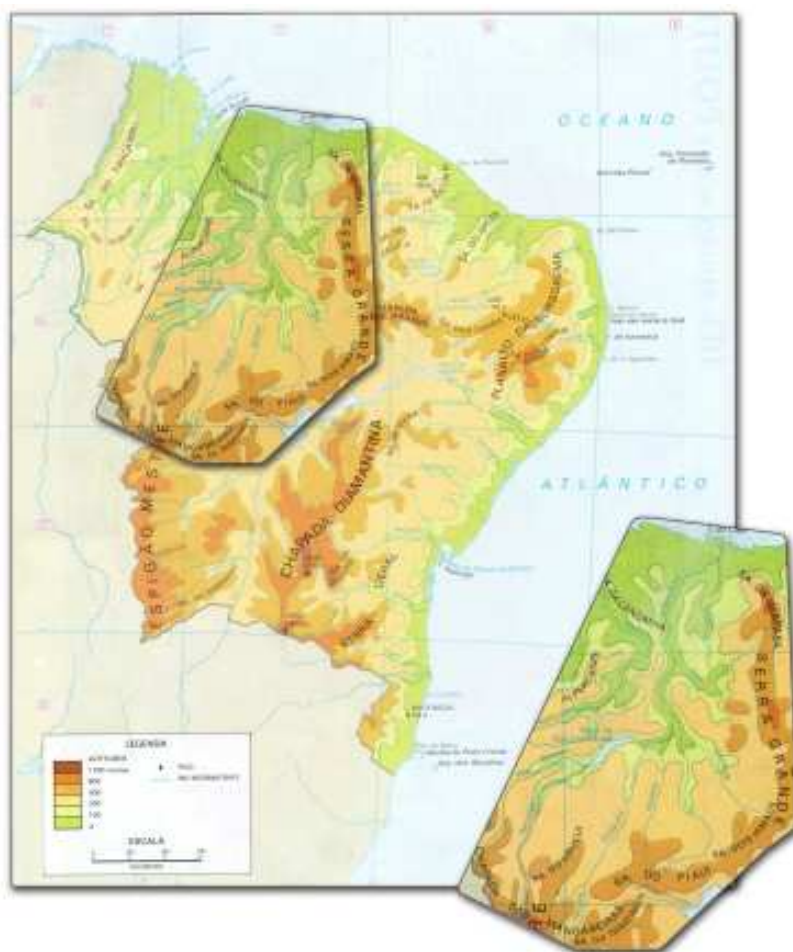


Figura 01. Destaque: Representação da Bacia Parnaibana. Representação do Mapa Físico da Região Nordeste. Adaptado por Gercinair Silvério Gandara a partir do mapa publicado por SIMIELLI, Maria Helena. GEOATLAS. São Paulo: Ática, 2000. Desenvolvimento Visual por Giorgio Richard.

Os contornos geográficos do rio Parnaíba emolduram o espaço territorial do nordeste brasileiro. Ele possui uma extensão de 1485 km, aproximadamente, com todas as curvas, seguindo a direção geral Sul-Norte.

O rio Parnaíba nasce nos contrafortes da Chapada das Mangabeiras, fronteira do Piauí com Tocantins, numa altitude de 709 metros e assinala o começo da divisa entre o Piauí e o Maranhão, divisa essa, inteiramente constituída pelo rio. Ele tem a função natural de linha de demarcação, por esta razão é um rio confinante, um rio fronteiro.

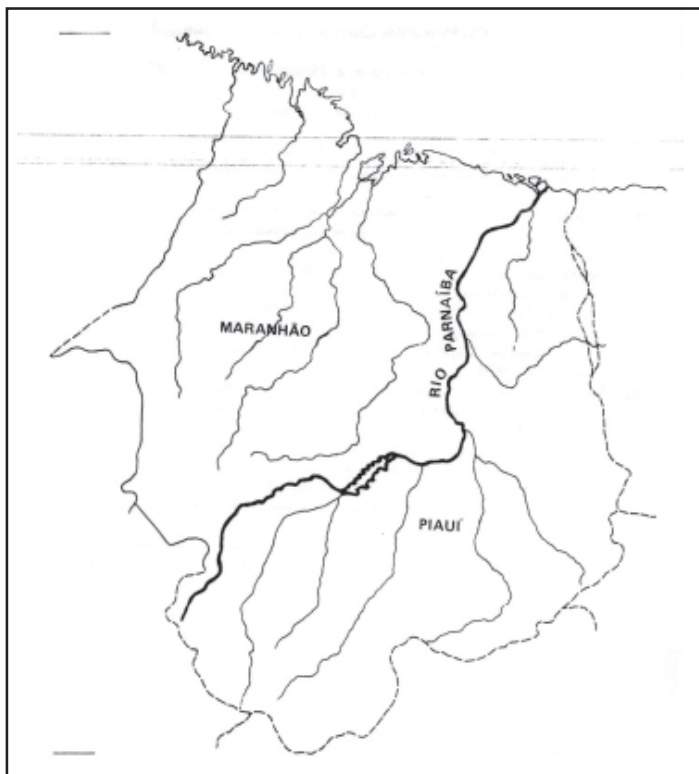


Figura 02. Representação limítrofe do rio Parnaíba em toda sua extensão. Fonte: extraído da Diss. de mestrado de Edson Gayoso Castelo Branco Barbosa. Recife: UFP, 1978

Particularidade que pode ser apreciada no lugar, mas também, é representada por inúmeros estudiosos e de diversas maneiras.¹ Seu curso de um modo geral é quase sempre sinuoso, com trechos retilíneos curtos e relativamente raros. Antes de penetrar no Oceano Atlântico, no norte de Piauí com o Maranhão, forma um amplo e recortado delta, labirinto de água doce e salgada, chamado Delta do Parnaíba, com três braços do rio na saída do mar.

Inicialmente do rio Parnaíba corre em leito apertado de pedras, varando serras e gargantas. Corre velozmente, descrevendo numerosas voltas num leito pedregoso e muito sinuoso que se faz encachoeirado. A meio caminho está representado por longos e suaves meandros ou, contrariamente, por curvas acentuadamente fechadas. Neste trecho suas águas correm num leito de margens bem mais largas que no anterior, pouco alterados e aparentemente consolidados. Como diz Moraes (1974) “mostrando estabilidade de rio velho”. (MORAES, 1974, p.16). As curvas sinuosas comuns em todo o percurso anterior tornam mais amplas e o leito que se fazia estreito e, por vezes estrangulado entre barrancos, faz-se neste percurso crescentemente largo, contudo predomina as coroas, oriundas do alargamento do rio. As cachoeiras desaparecem, com exceção de alguns baixios. Logo mais a dinâmica e o cenário do rio muda abruptamente. Define-se um novo leito. Torna-se “jovem”, renova na largura, contudo, fragiliza-se. Ao se aproximar do mar, ou melhor, ao encontrar o vértice do delta o rio Parnaíba forma um labirinto de água doce e salgada e



continua sua marcha até se lançar no oceano Atlântico fatigado da grande jornada e com os “olhos” cheios de panoramas aflitos, desemboca na Baía das Canárias.



Figura 03. Foto cedida por Edilson Moraes Brito via on-line <www.moraesbrito.com.br>.

O rio Parnaíba, com toda sua peculiaridade paisagística, após percorrer seus 1485 quilômetros separando os Estados do Piauí e do Maranhão, deságua no oceano Atlântico. Antes, porém, de entrar no mar, divide-se em três braços, separados por inúmeras ilhas, formando o acidente geográfico conhecido como “delta”. Para Castelo Branco ao atingir o delta, o Parnaíba “é um Sansão vencido. [...] suas águas perdem em velocidade e em fundura. E o rio chega ao oceano, extenuado...” (CASTELO BRANCO, 1970, p.30). De fato, o rio Parnaíba abandonando seu leito de pedras, correndo em vale arenoso, se alargando, criando obstáculos a si próprio, rompendo barreiras para definir novos limites e novo leito vai atingir o delta. Ali suas águas falseiam a linha do horizonte, ondas oceânicas se misturam com a água doce e as dunas se mostram inteiras até que o “extenuado” Parnaíba se entrega num grande abraço às águas salgadas do mar. Nesta foto abaixo pode-se apreciar por um ângulo a sua entrega ao mar

De antemão, afirmo que o rio Parnaíba é mundo de águas visíveis, expostas ao céu, ao olhar. Ele é cheio de vida e nos incita deslizar em sua história. Sua paisagem geográfica parece encarnar as experiências e aspirações das pessoas no tempo e no espaço. É forte nas suas linhas, doce pela cores, pela expressão, violento e carinhoso. É violento pelo arrojo dos seus arremessos e carinhoso pelos discretos movimentos. Ele parece ter forma humana, alma. Ele se parece com uma pessoa. Ele identifica-se, mostra uma face e tem um nome. Apresenta personalidade própria, caráter. Ele é portentoso personagem histórico. Lucien Febvre (2000) ao tratar do Reno nos idos de 1930, empresta ao rio os sentidos de personificação e as feições humanas ao dizer “esse Reno é uma pessoa”.

Quanto ao rio Parnaíba sua figuração humana e poética começa a ser sentida com seus sons, vozes e cores. Este rio, entre regatos, grandes estuários e deltas, têm a história de uma vida a contar, como se no seu percurso atravessasse fases análogas a das pessoas, com infância, juventude, maturidade e velhice. Ele apresenta claramente suas idades. Ele nasce com suas águas claras e alegres de um fiozinho d’água lá na chapada das Mangabeiras, é o Água Quente. E, deslizando veloz sobre um leito de pedras, inicia a corrida para o vale. Na jornada do rio sobre o vale assume feições de tempo humano. De infância encantada, um manhoso regato infantil, traquinas, risonho e divertido. Como uma crian-



ça de pouca idade corre sobre um leito irregular, mal definido, encachoeirado com grandes quedas e desnivelamentos, saltitante, buliçoso, traquino e inquieto. Corre chocando contra as pedras. Uma feição rebelde é o próprio perfil do caudal neste trecho.

Na sua juventude, suas águas são frias e cristalinas, os desníveis são acentuados, atravessa gargantas relativamente apertadas, e no encontro com seu afluente o Uruçuízi- nho suas águas ganham cor vermelha. “Aí reage, rói as entranhas de barro vermelho e tabatinga dos grandes contrafortes que o comprimem no leito. E com as águas sanguíneas, como que ferido da refrega continua a rolar”. (CASTELO BRANCO, 1970, p.26). Logo já se vê o jovem Parnaíba, orgulhoso de sua mocidade. Depois de quase dois centos de quilômetros de percurso o rio Parnaíba refaz-se nas águas volumosas do Parnaibinha. E o curso rebelde torna-se quase sereno, é o rio “meio-adulto” que se entrega a labuta dos navegantes. Alargando a superfície de recepção das suas águas assimila seus afluentes principais chega à fase da maturidade, em que das primitivas veias líquidas, vão agora juntar-se-lhe as artérias numerosas que lançam no seu álveo todo um conjunto de águas ansiosas. São seus três grandes confluentes, o Gurguéia, o Canindé e o Balsas que interceptam o curso de todas as águas, e despejam-se, de uma vez no rio real. “Entre três rios, lembra uma ilha alegre e linda”.² Suas águas aumentam. Em amplo vale, as correntes são fortes, é profundo... Sua vida é árdua. O rio agora é “um operário”, diz Renato Castelo Branco (1970). As gaiolas, as barcas e vapores deslizam em seu dorso. É aqui que o rio acentua-se. Há caráter. É o rio na sua maturidade.

O rio Parnaíba correndo agora sobre um vale arenoso, arrasta em seu curso coroas de terra movediça. Correm brandas as águas, e estas, alargando-se, procuram nas margens baixas e nos terrenos em volta a passagem dificultada pelo pequeno declive, e ainda assim, em diminuição constante. É necessário atingir a foz, e o rio perde-se em torcicolos contínuos, em meandros divagantes que aumentam o percurso, mas são resultados duma decrepitude manifesta que revela bem a sua fase de velhice. Ao atingir o delta, ele se bifurca pela primeira vez, mandando um braço para o estado do Maranhão, o Santa Rosa, logo abaixo um novo braço se destaca avançando por terras piauienses, é o Igarachu. Entre estes braços, o rio Parnaíba se abre em leque, lançando-se ao mar através de cinco barras: Tutóia, Carrapato, Caju, Canárias e Igarassú. É sua última feição, a da velhice. É o “mais civilizado”, segundo Castelo Branco (1970). Ele possui um traço final realmente repousado e errante, sem nunca, formar os meandros de outro curso d’água. Chega ao fim e se verga às águas salgadas da última morada. Eis toda sua personalidade.

Mas o rio Parnaíba tem corpo, alma, voz, como diz Bachelard (2002). Afinal, os rios têm muitas vozes. Carrega em seu fluxo um ressoar de histórias, percorre terras e quando despejados ao mar renascem como ecos viajantes na sua imensidão. E o rio Parnaíba, um rio assim sacralizado, com balsas, barcos e navios surpreendendo suas águas, com o seu chamamento atraindo gente ao seu brilho, teria de ter voz através dos tempos. E quem lhe surpreendeu, na ânsia da superação, e no seu (des)conforto foram os poetas. Não só por ser local de partida, mas também por se local de afluxo de gente às suas margens que o rio Parnaíba ganhou feição humana com sentimentos e voz. Suas águas têm vida.

O rio Parnaíba em todo seu curso inspirou/inspira uma gama de estudiosos, viajantes, poetas, romancistas etc., que descreveu/descrevem sua paisagem, suas águas, seus encantos. Ao lado do delta, é personagem de envergadura para as poesias e romances piauienses. A título de exemplo, o poeta piauiense Da Costa e Silva, autor do Hino do Piauí no poema “Saudade” o personificou.

*Saudade [...]
saudade amor da minha terra... o rio
cantigas de águas claras soluçando.*



[...] Saudade! Ó Parnaíba - velho monge
as barbas brancas alongando... e ao longe
o mugido dos bois da minha terra..."³

É um rio de/com sentimentos. Humberto Guimarães em "Nas Pegadas do Rio", personifica-o dando sabor às suas águas e evidenciando seus sentimentos.

... o rio assim tranqüilo no aconchego da tarde, permite aos homens e aos moleques coçarem-lhe as costas e cavalgá-lo sem receio, porque está agradecido aos filhos da terra dos tapuias, lisonjeado pela amizade que os poetas lhe tem demonstrado por lhe serem para sempre gratos pela água doce que beberam e em que banharam nos dias de estio, e em que pescaram na meninice. São tantos os anônimos que lhe rendem merecido preito, consolando suas dores! (GUIMARÃES, 2001, p 374).

O rio Parnaíba, tal como o destino humano, tem seus momentos de grandeza e de glórias, e também os seus instantes dolorosos de depressão. Em algumas entortas, impetuoso e potente se define e empalidece, e assim, seguindo o seu curso, ora ruidoso e turbulento, ora suave quase desfalecido como nas canções, correndo a espaço-tempo, por detrás dos prolongamentos, serras, cachoeiras, que parece apresentar de longe as armas do seu correr ao intruso, sofre como as pessoas. Sabemos o rio Parnaíba viveu/vive de esforço épico, de lembrança de longe. Também as vozes de derrota e de gesta, de partida dolorosa para lá do mar, e de regresso do largo para depois sentir a exigüidade da terra. Há ainda as do lamento vindo da raiz piauiense mais funda. Há aquelas vozes de aviso e outras de superação que se levantam. Além das vozes humanas que lhe emprestaram os poetas há aquelas, ora de águas claras soluçantes ora de roncaria do rio selvagem em tempo de cheia. Parafraseando Guimarães (2001), as águas grandes que correm continuam a rolar em turbilhão, o rio roncando nos barrancos que despencavam aqui e ali em pequenas avalanchas, até alcançar o mar. (GUIMARÃES, 2001, p.171).

Na sua personalidade sentimos o quanto o elemento natural (rio) é determinante na paisagem e o quanto marca a vida das pessoas e das coisas. Todas as pessoas parecem lavadas pela água, com os gestos de quem rema e com o andar de quem pisa o balanço de uma canoa. Ressonâncias do rio se repetem nas poesias. Os poetas, lembrados de terem nascidos naquelas margens fazem do Parnaíba um rio de devoção e de lembrança. E imprime de tal maneira a corrente passando que transforma o rio Parnaíba, ao mesmo tempo, em amador e coisa amada. Os poetas rimam muitas vezes Parnaíba com sossego, e as suas mágoas, com as águas que vão correndo.

*"O Parnaíba assim, carpindo as suas mágoas,
- rio da minha terra, unguido de tristeza,
refletindo o meu ser, flor móvel das águas"
(Da Costa e Silva no poema "Rio das Garças")*

Bugija Brito registrou a magia e o encantamento das águas e margens do rio na poesia "Muralhas". O hino do estado do Piauí, expressão musical do povo, cantou/canta as águas do Parnaíba. Nos romances, também, suas águas foram lembradas. Mas há os que acentuaram os "defeitos", entre eles os viajantes Spix e Martius (1976) "o Parnaíba... Embora contaminado fortemente por matérias terrosas e pútridas, fornece, entretanto, a única água potável aos moradores, que, por esse motivo, são sujeitos a constantes febres intermitentes". (SPIX E MARTIUS, 1976, p.229) Pelo mesmo motivo é chamado por Gui-



marões de “rio malarioso de ponta a ponta”. (GUIMARÃES, 2001, p.153). Ele complementa esse quadro denominando-o “rio dos famosos pernalongos”. E explica: “no rio decor-de-barro vê-se os pernalongos saírem e já voando de dentro d’água. [...] Rio barrento...” (GUIMARÃES, 2001, p.42 e 155).

No romance “A Vela e o Temporal” a escritora piauiense Alvina Gameiro mostra as águas violentas do rio Parnaíba à época das cheias. “O Parnaíba, de tanto, beber, arrotava valente, pela rachadura, das ribanceiras desgastadas e empinava-se mais e mais, como um caboclo cheio de tiquira, pronto a deixar o leito e fazer desordem no campo. De longe ouvia-se o papujar da água”. (GAMEIRO, 1957, p.149). De fato, as cheias emprestam às águas parnaibanas os tons amarelo-barro, amarelo-água-barrenta-cor-de-barro. Os viajantes Spix e Martius também dão conta da cor amarelada e violenta das águas do rio Parnaíba, “... o rio Parnaíba [...] Correm suas águas turvas, amareladas... [...] O rio corre bastante rápido, mas sem cachoeiras...”. (SPIX E MARTIUS, 1976, p.229).

Não há dúvidas, o rio Parnaíba tem águas claras ao nascer, águas sanguíneas/vermelhas no curso alto, águas barrentas nas cheias. Também tem as águas verdes, azuis-verdes, ou verdes-azuis, conforme a incidência do sol sobre a superfície espelhante. E, conforme o vento, o verde fica azul, o azul fica verde, o verde fica negro e o negro vira cinza, em ondas que rolam sobre as praias e dunas brancas do delta parnaibano. Quanto mais se anda rio-acima, rio-abaixo, viajando em suas margens, nas lembranças dos beiradeiros ou na produção literária mais cores se encontra. Lá, no delta, as águas barrentas do Parnaíba disputam com as águas claras do mar a posse do caudaloso leito. Ali o poeta assiste impassível ao espetáculo da luta comandada apenas pelo sol e pelo vento. Mas suas águas tem sabor. É Guimarães quem empresta sabor às tuas águas, “... nessas águas doces, doces águas parnaibanas [...] das doces águas, águas doces do Parnaíba”. (GUIMARÃES, 2001, p.200) Eis, portanto, um quadro propício à poesia

Em síntese o Parnaíba é um rio que escoava versos. Um rio de poetas e trovadores. E demais, um rio de prosadores. Na poesia piauiense, de um modo geral, a referência do rio é uma constante. Se os poetas se deslumbravam/deslumbram no seu encantamento fácil, os mais sizudos prosadores à sua beleza se renderam/rendem. De fato o rio Parnaíba motivou/motiva do anônimo trovador aos poetas de elite. Na poesia, no romance e na literatura piauiense celebraram-lhe as qualidades. Fez realçá-las. Adjetivou-o. personificou-o. Expressou-se a realidade do rio. E se nos romances, nas prosas e poesias o rio Parnaíba é invocado e personificado, nas curvas da vida e das lembranças, o rio e as margens, são sentidas. Se a vegetação em seu redor, por todo seu curso, parecem, naturalmente, querer dizer poesia, o reflexo das águas a repete em rima, como a pretensão memorizar uma água que vai correndo, lentamente, sem parar. Ele é como a exclamação do estilo do poeta na confluência da poesia. Do rio, o poeta ordena suas impressões. O historiador escreve sua história na história. E, talvez, suas próprias águas seja uma realidade poética completa, como disse Bachelard (2002).

Mas, o rio Parnaíba é também caminho e berço. Por entre suas margens, o vulto das canoas e das balsas valsavam/valsam no balanço das águas parnaibanas. Eram as balsas de buriti, as barças, os botes, as canoas, as gambarras, as jangadas, os saveiros⁴ num desfilar de velas e de remos lhe arrepiando seu longo dorso líquido que formavam o quadro poético da região.

A VALSA DO RIO⁵

Num traçado

De remos

E de varas

Para lá e para cá

O canoeiro valseia





Figura 04, 05 e 06. Desenho de uma balsa de buriti composta por GUIMARÃES, Humberto. Nas Pegadas do Rio. 2ª ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001. Fotos de uma gambarra e uma barcaça de buriti. Fonte: Arquivo Publico do Piauí. Embarcações típicas que trafegaram no rio Parnaíba

Mais tarde, em meados do século XIX veio a navegação a vapor que transformou a ordem das coisas. Ela fez do rio Parnaíba uma estrada líquida fluída dando a sociedade piauiense liberdade de movimento. Ela fez do rio Parnaíba um ponto de referência gigantesco. Um atrativo, uma trilha da sorte, da fortuna e da vida. O ponto de reunião de indivíduos, do comércio, dos objetos materiais e imateriais. O lugar dos encontros e dos desencontros. Ele representaria o renascer para uma nova vida. Suas águas, ciclo sem fim, um puro e eterno (re)começar. Em uma palavra, o rio Parnaíba enquanto elemento natural foi determinante na paisagem do vale já quanto caminho/estrada marcaria a vida das pessoas, das coisas e do lugar. Se o rio era água visível, exposta ao céu e ao olhar daquelas gentes, os vapores, cortando aquelas águas como afiadas lâminas, fazendo manobras e rasgos no seu leito eram as estratégias na cortina das distâncias. Eles impunham sua unidade e seus limites, eis os traços que permitem distinguir os laços impressionantes por eles gerados.

O vapor como um novo elemento da paisagem parnaibana propunha um meio de lidar com a relação espaço-tempo de maneira inédita para o contexto piauiense. Num grau maior provocou o encontro de um quadro natural e das gentes, numa via fluída e os meios que o interpretam. E aquelas gentes viveram-na à sua maneira, assimilando-a à sua própria organização com meios tecnicamente limitados e bastantes diferentes consoante ao tempo. Assim a presença dos vapores foi um instrumento capaz de balizar referências e transformar sensibilidades. Daí resultou uma organização do espaço assente no enraizamento dos beiradeiros que exprime seus valores na vida-rio, no rio-vida. Os vapores seguindo as curvas das margens e o senso de plenitude que delas emanam é horizonte sem fim, portanto, compraz evocar. Em verdade esses vapores, em suas cotidianidades, existiam e conferiam as relações humanas com o espaço, nas últimas significações, para além do trabalho e da troca, o do gozo e/ou contemplação. Nas viagens, os vapores deslizavam sobre as águas, os





Figura 07. Foto do porto fluvial da cidade-beira Floriano com Barcas ancoradas e um navio a vapor que fazia manobra ao centro no rio Parnaíba. Fonte: Arquivo Particular Nilson Coelho.

lugares ao longo do caminho convidavam a uma parada e o viajante confirmava em todo lugar seus hábitos e suas raízes. Neste instante se apercebe que não há fronteiras entre a terra e a água. Terra e rio penetram e desaparece um no outro. Sem sublinharmos estas virtudes que associam ou dissociam conforme o caso não poderia contentar-nos sem afirmarmos que a coerência social dessas viagens agrupou indivíduos.



Figura 08. Foto do Vapor Chile. Fonte: Arquivo Particular de Nilson Coelho. Floriano-PI Enviado on-line.

Este rio que, roe pedras, lava almas, divide dois estados, o destino encarregou-o de uma exemplaridade viril e tenaz, marginal povoações. Tratado como coisa material e passiva, foi convertido à condição de suporte físico e realizou prodígios para aproveitar a força motriz da corrente aproximando cidades da estrada líquida. Assim, ao longo do seu curso,



durante a segunda metade do séc. XIX e a primeira do séc. XX, coincidentemente com a implantação da navegação a vapor, edificou-se em suas beiras uma das mais grandiosas paisagens humanizadas, cujas encostas talhou-se e edificou-se moradas. O rio Parnaíba foi, portanto, a grande base de toda operação. Este rio foi/é uma bacia de povos e gentes, transbordando nas beiras, fragmentos de história. É ele, poderoso, cria entre os beiradeiros uma solidariedade certa de cultura e gostos. Nas cidades que lhe margeiam há nuances significativas. Inscritas em sua própria historicidade, assentadas num quadro geográfico, as cidades encarnam a vida em sua forma mais complexa e mais intensa. Em cada uma há o rio que passa e que as delimitam, ora negado ora querido. Com efeito, este, a um só tempo confere a cada cidade sua mais bela vestimenta, seu maior encanto. Elas são as magníficas criações do grande rio, e diríamos que juntas, formam a grande história do rio. Aquelas cidades-beira piauienses são os testemunhos vivos deste personagem histórico. Entendo que a especificidade de uma cidade-beira⁶ pode ser o signo de um mundo novo, de um mundo que, como todos os mundos, contém os atributos da grandeza que o rio proporcionou. Eis, portanto um quadro propício à poesia.



Figura 09. Rio Parnaíba , embarcações (barcas que eram rebocadas pelos vapores e canoas) ancoradas no Porto Fluvial de Parnaíba e construções a Beira-Rio Parnaíba na Cidade-Beira Parnaíba.

Viajei na história, nos relatos, nos documentos e nos mapas, mas parece que rondava sempre na sombra ou nas águas desse “ubíquo” rio andante. Viajei sobre cores e sabores no rio-cor-de-barro, rio acima, rio-abaixo, pela terceira margem... como viajou Guimarães Rosa (1962) e/ou Benedicto Monteiro (1983). Muito mais do que um simples acontecimento tudo isso me conduziu a algum mistério. Entendo que mistério, são desejos vindos de longe. De muito longe como se fosse uma antiga herança. Falo de distâncias, de caminhos e lonjuras que só o vapor andando por riba d’água pareceu encurtá-las. Neste caso falo do rio Parnaíba boiando na imensidade em que só o cipoal do tempo poderia nos dar conta e falar da brusquidão dos atalhos que se fizeram e da demora das voltas. Este rio era só um caminho andante no espaço verde e vago. Mas tudo passou a ser marcado pelas chegadas e saídas dos vapores e também pelas paradas. Os navios a vapor e/ou as balsas de buriti tinham seus destinos. Eram chegadas e saídas intercaladas pelas paradas. “Pra quem é embarcação... a vida se resume nessas paradas quase de repente”. (Monteiro,1983, p.35). Princípio e fim daquela distância.



Notas

- ¹ Entre eles, Spix e Martius (1976, p.229), Caio Prado Jr. (2000, p.248), Barbosa (1986, p.105).
- ² Ver Poesia "Amarante". In: DA COSTA E SILVA. *Poesias Completas*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- ³ Este poema foi publicado na obra Da Costa e Silva op.cit. nota 74
- ⁴ Embarcação de fundo chato e proa mais elevada que a popa. Dicionário Aurélio.
- ⁵ Esta Poesia é de autoria de José Luis de Carvalho e está contida na obra "A poesia parnaibana". Teresina: FUNDEC/COMEPI, 2001, p.169.
- ⁶ Quanto ao conceito de "cidade-beira", vale ressaltar que desenvolvi um trabalho de pesquisa para obtenção do título de Mestre em História da UFG/2002 que se baseou, de modo especial, em investigações sobre a cidade de Uruaçu-Go no período de 1910 a 1960. A dissertação teve como eixo norteador as reflexões sobre beira e fronteira, onde a cidade aparece com uma forte prefinição em perseguir as beiras (rio, pista, caminho, estradas/, rodovias, lago). Constatamos que foram as beiras que provocaram seu desenvolvimento tanto a Leste quanto a Oeste. Este trabalho de pesquisa foi tornado público, em forma de livro, pela Editora do Mestrado em História da UFG. Na tese de doutorado defendida na UnB/2008 aprofundamos a discussão em torno do conceito de beira. Ver GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba... Cidades-Beira. Brasília, UnB, 2008. Tese de Doutorado.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARBOSA, Edson Gayoso C. *A origem do rio Parnaíba; uma tese*. Teresina: EDUFPI, 1986
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004
- CARVALHO José Luis de. In *A poesia parnaibana*. Teresina: FUNDEC/COMEPI, 2001, p.169.
- CASTELO BRANCO, Renato. *O Piauí: a terra, o homem, o meio*. São Paulo: Quatro Artes, 1970.
- DA COSTA E SILVA. *Poesias Completas*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000.
- FRÉMONT. Armand. *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades-Beira*. Brasília, UnB, 2008. Tese de Doutorado.
- GANDARA, Gercinair Silvério. *URUAÇU: Uma Cidade-Beira. Uma Cidade-Fronteira. (1910-1960)*. Goiânia: UFG, 2004
- GAMEIRO, Alvina. *A vela e o Temporal*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1957.
- GUIMARÃES, Humberto. *Nas Pegadas do Rio*. 2ª ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.
- MONTEIRO, Benedicto. *A Terceira Margem*. Rio de Janeiro. Coleção "Histórias do Pau-Brasil". Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- MORAES, Adolfo Martins de. *Rio Parnaíba, um rio em busca de norte*. Carta CEPRO. Teresina v. 18, n. 11 nov 1974, p.07-35.
- PRADO JR Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1981; Pub.Folha, 2000.
- PRADO JR. Caio. *Historia Econômica do Brasil*. 14 ed. São Paulo. Brasiliense, 1971 e 2000.
- SPIX E MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. TOMO II Vol. II. 3ªed. Trad. Lucia Furquim Lahmeyer e Basílio de Magalhães. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- ROSA, João Guimarães. *A Terceira Margem do Rio*. In *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio S. A, 1962.

- * Doutora em História Social pela Universidade de Brasília. Graduada em História pela Universidade Católica de Goiás. Especialista em Estudos Regionais pela UCG. Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora Titular UNIP e Professora substituta FCHF/UFG. E-mail: gercinair@msn.com

